

Aplicação da interdisciplinaridade no serviço de saúde: limites e fragilidades

Geisa Kelly Alexandre Soares¹
Aleson Pereira de Sousa²

RESUMO

Introdução: A interdisciplinaridade é compreendida pela interação de várias disciplinas dentro de um mesmo projeto. No contexto da saúde a interdisciplinaridade permite uma ação comum, horizontalizando diferentes formas de saberes e práticas que devem se integrar para a promoção da saúde. Diante a complexidade existente no processo saúde/doença os espaços de saúde demandam profissionais dispostos a promover o trabalho interdisciplinar visando à melhoria na assistência prestada aos usuários e aos serviços de saúde. Entretanto, estudos assentam que tal prática nem sempre acontece na realidade de muitos serviços, pois geralmente as equipes se confrontam com diversos enfrentamentos que dificultam a concretização do trabalho interdisciplinar. **Objetivos:** O presente estudo tem como objetivo identificar as fragilidades e as limitações da prática interdisciplinar que permeiam o âmbito dos serviços de saúde. **Métodos:** Metodologicamente esse estudo é uma revisão de literatura, onde foram utilizadas como base de dados, livros, dissertações e artigos científicos coletados nas plataformas digitais SciELO e LILACS. Para garantir a qualidade do trabalho foram usados materiais que traz aproximação com o tema, sendo descartados materiais em língua estrangeira, bem como artigos pagos, duplicados e artigos de jornais sem caráter científico. **Resultados e discussão:** São vários os desafios enfrentados no campo da saúde e que rebatem de forma brusca sobre a prática interdisciplinar, tais fragilidades apontam para aumento da terceirização da força de trabalho com vínculos temporários e precários e a diminuição do espaço para uma reflexão crítica e gestão participativa. Outra fragilidade identificada é a falta de entendimento sobre o conceito interdisciplinar, pois se observou que profissionais da saúde ainda necessitam de uma aproximação teórica conceitual acerca da interdisciplinaridade e como operacionalizá-la. Além disso, os resultados obtidos também revelam a predominância da assistência biologicista, curativista e fragmentada adotada ainda em muitos ambientes de trabalho. Outro fator identificado faz críticas ao modelo formativo vigente nos cursos de graduação, principalmente os da área da saúde, onde os discentes acabam não tendo conhecimento e nem vivenciando a interdisciplinaridade, sendo que esse fator acaba refletindo no agir profissional. Para que a prática integrada aconteça, torna-se essencial, além da formação acadêmica voltada para a interdisciplinaridade é fundamental uma capacitação permanente, nesse sentido destaca-se a Educação Permanente em Saúde (EPS). **Considerações Finais:** Observaram-se nos estudos levantados que são muitas as dificuldades para se trabalhar numa perspectiva integradora de vários saberes, pois se fazem necessários os vários olhares dos profissionais, inclusive para atender ao que prever o Sistema Único de Saúde (SUS), ao indicar a integralidade como um dos pilares de suporte da atenção à saúde. Em suma, para que a interdisciplinaridade se concretize é categórica a quebra de barreiras no trabalho interdisciplinar para uma ação recíproca, reformulação de práticas, bem como, levar em consideração a saúde e o bem-estar da população atendida.

Palavras-chaves: Interdisciplinaridade. Serviços de saúde. Prática interdisciplinar. Dificuldades.

¹ Especialista em Saúde Pública pelo Centro Universitário de Patos – UNIFIP (2020). Assistente Social- UNIFIP (2018). E-mail: geisa_yllek@hotmail.com

² Doutorando do programa de Desenvolvimento e Inovação Tecnológica de Medicamentos pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Especialista em Citologia Clínica pela Faculdades Integradas de Patos (2014). Biomédico pela Faculdades Integradas de Patos (2012). E-mail: aleson.pereira.sousa@gmail.com

ABSTRACT

Introduction: Interdisciplinarity is understood by the interaction of several disciplines within the same project. In the context of health, interdisciplinarity allows a common action, horizontalizing different forms of knowledge and practices that must be integrated for health promotion. In the face of the complexity in the health/disease process, health spaces demand professionals willing to promote interdisciplinary work aiming at improving the assistance to users and health services. However, studies state that such practice does not always happen in the reality of many services, as teams usually face several challenges that hinder the implementation of interdisciplinary work. **Objectives:** This study aims to identify the weaknesses and limitations of interdisciplinary practice that permeate the scope of health services. **Methods:** Methodologically, this study is a literature review, using as database, books, dissertations and scientific articles collected on the digital platforms SciELO and LILACS. In order to guarantee the quality of the work, materials were used that bring an approximation to the theme, materials in a foreign language being discarded, as well as paid articles, duplicates and newspaper articles without scientific character. **Results and discussion:** There are several challenges faced in the health field and which sharply reflect on interdisciplinary practice, such weaknesses point to an increase in the outsourcing of the workforce with temporary and precarious ties and the reduction of space for critical reflection and participatory management. Another weakness identified is the lack of understanding of the interdisciplinary concept, as it was observed that health professionals still need a conceptual theoretical approach about interdisciplinarity and how to operationalize it. In addition, the results obtained also reveal the predominance of biologicist, curative and fragmented assistance still adopted in many work environments. Another identified factor criticizes the formative model in force in undergraduate courses, especially those in the health area, where students end up having no knowledge or experiencing interdisciplinarity, and this factor ends up reflecting on professional action. For integrated practice to happen, it is essential, in addition to academic training focused on interdisciplinarity, permanent training is essential, in this sense Permanent Education in Health stands out (EPS). **Final consideration:** It was observed in the studies raised that there are many difficulties to work in an integrating perspective of various knowledges, since the various views of professionals are necessary, including to meet what the Unified Health System (SUS) provides, when indicating the integrality as one of the support pillars of health care. In short, in order for interdisciplinarity to materialize, it is categorical to break barriers in interdisciplinary work for reciprocal action, reformulation of practices, as well as taking into account the health and well-being of the population served.

Keywords: Interdisciplinary. Health services. Interdisciplinary practice. Difficulties.

1 Introdução

A interdisciplinaridade é compreendida pela interação de várias disciplinas dentro de um mesmo projeto. No contexto da saúde a interdisciplinaridade permite uma ação comum, horizontalizando diferentes formas de saberes e práticas que devem se integrar para a promoção da saúde, e isso só será possível se as pessoas que detêm esses conhecimentos trabalharem integrados (FORTES, 2012).

Deste modo, a interdisciplinaridade vem se apresentando como uma nova perspectiva e postura para ultrapassar a abordagem biologicista e medicalizante, outrossim, possibilita um atendimento e tratamento com qualidade e eficácia (BASTOS, 2017).

Diante a complexidade do processo saúde/doença que envolve várias dimensões do indivíduo e que estão relacionados a aspectos biológicos, psicológicos, ambientais, sociais e culturais, os espaços da saúde demandam cada vez mais profissionais que trabalhem de forma articulada e integrada aonde os usuários possam ser enxergados em sua totalidade e compreendidos pelos profissionais de maneira integral (LEORATO; DALLACOSTA, 2016).

Depreender os problemas de saúde tem exigido cada vez dos profissionais uma visão integral que requer diversos tipos de aproximação ao usuário, não visualizando nele exclusivamente a doença em si, mas enxergando vários outros fatores importantes. Essa integração vem atender ao que preconiza no Sistema Único de Saúde (SUS) e na Política Nacional de Humanização (PNH), ao apontar a integralidade como um dos pilares de sustentação da atenção à saúde. Por conseguinte, para que a realização da integralidade ocorra de maneira concreta, há necessidade de uma prática interdisciplinar (BISPO; TAVARES, 2014).

Todavia, estudos assentam que tal prática nem sempre acontece na realidade de muitos serviços de saúde, pois geralmente as equipes se confrontam com diversos enfrentamentos que dificultam a concretização do trabalho interdisciplinar, haja vista a precarização do trabalho, hierarquia dentro dos setores, relação de poderes e em alguns casos a falta de conhecimento sobre o que é a interdisciplinaridade e como ela acontece na prática.

Diante dessas considerações, o presente trabalho propõe identificar as fragilidades e os limites enfrentados pelos profissionais que dificulta a realização do trabalho interdisciplinar nos serviços de saúde. O tema em debate é de grande relevância para uma análise crítica e construção do conhecimento científico, além de contribuir para o meio acadêmico quanto social, irá subsidiar discussões e reflexões sobre o trabalho interdisciplinar e proporcionar às equipes multiprofissionais a possibilidade de criarem estratégias que favoreçam a efetivação da interdisciplinaridade, visando trazer melhorias para as instituições de saúde onde estão inseridos.

2 Métodos

O método utilizado para a construção desse estudo se baseou na revisão de literatura. Conforme destaca Gil (2002), é uma pesquisa desenvolvida com base em material já

elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. As bases de dados pesquisadas foram dissertações, livros e artigos disponibilizados em plataformas digitais como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) nas quais abordaram a temática discutida. Para garantir a fidedignidade do trabalho, foram usados materiais que trás aproximação com o tema, sendo descartados materiais em língua estrangeira, bem como artigos pagos , duplicados e artigos de jornais sem caráter científico.

3 Resultados e Discussão

Compreendendo a interdisciplinaridade

Antes de abordar os resultados obtidos através do levantamento bibliográfico, é importante contextualizar brevemente sobre a origem da interdisciplinaridade, bem como apresentar uma reflexão acerca desta modalidade nos processos de saúde e posteriormente iniciar a discussão sobre os obstáculos que surgem neste âmbito e que reflete na prática interdisciplinar.

De acordo com Morin (1999, p. 105) a disciplina é uma “categoria organizadora dentro do conhecimento científico; ela institui a divisão e a especialização do trabalho e responde à diversidade das áreas que as ciências abrangem”.

Foi a partir do século XIX em cenário internacional logo após o surgimento da Revolução Industrial que o termo disciplina emergiu com a formação das primeiras universidades e desenvolveu-se no final do século XX. Segundo Morin (1999):

A organização disciplinar foi instituída no século XIX, notadamente com a formação das universidades modernas; desenvolveu-se, depois, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica; isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, esgotamento, etc; essa história está inscrita na da Universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade. [...] Portanto, a disciplina nasce não apenas de um conhecimento e de uma reflexão interna sobre si mesma, mas também de um conhecimento externo. Não basta, pois, estar por dentro de uma disciplina para conhecer todos os problemas aferentes a ela (MORIN, 1999, p.105).

Blauth (2015) diz que na segunda metade do século XX, precisamente em meados dos anos 1960 mediante a propagação do capitalismo e dos grandes avanços tecnológicos por toda

parte do mundo contribuiu para a ampliação e a diversidade dos domínios do saber, onde surgiram novas ciências e novas especializações que resultou na fragmentação educacional.

Com isso, no mesmo ano iniciou-se na Europa, principalmente na Itália e França um movimento pela interdisciplinaridade liderado por estudantes universitários anticapitalistas que faziam uma crítica as novas formas de ensino. Esses estudantes discutiam a “excisão teoria/prática e a falta de relevância social dos conteúdos curriculares” (FOLLARI, 1995, p.129).

Para Follari (1995) esses questionamentos protagonizados pelos estudantes sucederam a uma série de mudanças no contexto das universidades, como modificações curriculares e adesão da interdisciplina. A articulação das disciplinas colaborou para que se tornasse possível dar sentido aos saberes por meio da ligação e da contextualização dos mesmos, sendo que a interdisciplinaridade veio como alternativa para avanço diante de um cenário de fragmentação dos saberes.

Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade só foi chegar ao Brasil no final dos anos 1960 por meio dos movimentos estudantis da época apresentando-se como modismo e rodeada por uma série de distorções e de conceitos equivocados sobre essa terminologia.

Segundo a autora acima mencionada há três momentos distintos na história da interdisciplinaridade. O primeiro momento diz respeito à década de 1970, tempo de definições e esclarecimentos dos conceitos e da terminologia, destacando-se interpretações filosóficas. Consoante a isso, a principal preocupação de alguns autores era buscar uma explicação terminológica, ou seja, era necessária uma análise para explicar e conceituar esse novo termo que emergiu entre as ciências. A esse respeito, Ivani Fazenda (1999) aborda que:

A necessidade de conceituar, de explicitar, fazia-se presente por vários motivos: interdisciplinaridade era uma palavra difícil de ser pronunciada e, mais ainda, de ser decifrada. Certamente que antes de ser decifrada, precisava ser traduzida, e se não se chegava a um acordo sobre a forma correta de escrita, menor acordo havia sobre o significado e a repercussão dessa palavra que ao surgir anunciava a necessidade da construção de um novo paradigma de ciência e de conhecimento (FAZENDA, 1999, p. 16).

Conforme a autora supracitada somente em 1976 que o autor Hilton Japiassu¹ começou a pesquisar e escrever sobre o assunto, buscando conceituar e apresentar os principais problemas que envolviam a interdisciplinaridade. Daí por diante, muitos autores

¹ Hilton Japiassu (1934-2015) era filósofo e professor de filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Japiassu foi um dos primeiros autores brasileiros a abordar sobre a interdisciplinaridade no seu livro Interdisciplinaridade e patologia do saber (1977).

passaram a estudar e buscar outros conceitos que pudessem definir o que era a interdisciplinaridade, onde foi possível adotar uma série de definições para a interdisciplinaridade.

A inquietação maior era tentar investigar e explicar o significado da palavra interdisciplinaridade. De acordo com a autora Aiub (2006) o termo interdisciplinaridade é constituído por três termos: inter-disciplinar-dade.

Inter- que significa ação recíproca, ação de A sobre B e de B sobre A; **disciplinar** - termo que diz respeito à disciplina, do latim *discere* – aprender, *discipulus* – aquele que aprende. Contudo, o termo também consiste em ordem conveniente a um funcionamento regular, subordinação a regulamento superior – manter a disciplina equivale, nesta acepção, a seguir o regulamento, adequar-se a uma hierarquia [...] O termo **dade** - corresponde a qualidade, estado ou resultado da ação. Desta forma, uma ação recíproca disciplinar – entre disciplinas, ou de acordo com uma ordem – promovendo um estado, qualidade ou resultado da ação equivaleria ao termo interdisciplinaridade (AIUB, 2006, p. 02 – grifos nossos).

Esclarecido sobre a interdisciplinaridade na década de 1970, o segundo momento transcorreu durante o ano de 1980. Este foi o tempo de desenvolvimento metodológico e a busca por orientações sociológicas. Sobre essa passagem referente à interdisciplinaridade na década de 1980 a autora Fazenda (1999) assevera que:

A partir de 1980, os estudos e pesquisas realizados continuam apontando para a complexidade da explicitação das especificidades próprias das possíveis interações existentes. Autores como Benoist, Smirnov e Apostel – traduzem em seus escritos a multiplicidade de possibilidades de tratamento de termos atuais no discurso e na práxis científica. [...] Os estudos acabam por delinear sua provisoriidade, ensaiando uma substituição do conceito de disciplina pelo de disciplinaridade interdisciplinar (FAZENDA, 1999, p. 67).

Por último e não menos importante, tem-se a década de 1990 como ponte de partida para a elaboração de uma teoria da interdisciplinaridade. De acordo com Fazenda (1999), no “início dos anos 1990 várias tentativas foram empreendidas pelos estudiosos da interdisciplinaridade, no sentido de encontrar uma teoria madura e inquestionável, que desse sustentação aos projetos nascentes” (FAZENDA, 1999, p. 68).

A partir de vários estudos nessa área que a interdisciplinaridade passou a ser compreendida pela interação real das disciplinas dentro de um mesmo projeto, onde o saber fragmento estava perdendo espaço. Na visão de Fazenda (2008) o conceito de interdisciplinaridade está ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem

a destruição básica às ciências conferidas. Segundo Ivani Fazenda (2002) a interdisciplinaridade é,

Uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, uma profunda imersão no trabalho cotidiano, na prática. [...] A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose e a incerteza (FAZENDA, 2002, p. 180).

Neste universo da interdisciplinaridade outras terminologias também surgem e são similares as relações disciplinares, tais podem ser compreendidas como: multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. Vejamos as considerações de Morin (1999) ao explicar esses níveis de organizações disciplinares.

A multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns; as disciplinas ora são convocadas como técnicos especializados para resolver tal ou qual problema; ora, ao contrário, estão em completa interação para conceber esse objeto e esse projeto, como no exemplo da hominização. No que concerne à transdisciplinaridade, trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe (MORIN, 1999, p. 115 – grifos nossos).

Etges (1995) enfatiza a respeito da interdisciplinaridade e diz que ela é um princípio mediador, entre as diferentes disciplinas, não sendo elemento de redução a um denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. É o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão dos seus limites e, acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade.

Como podemos perceber são inúmeras as concepções acerca do termo interdisciplinaridade que salienta alguns autores. Ao conceituar a interdisciplinaridade, não se possui um sentido único e perdurável, trata-se de um conceito que varia, tanto no nome como no seu significado.

O vocábulo interdisciplinar foi e ainda é muito debatido, pois existem várias definições para ela, por que depende do ponto de vista e da vivência de cada um, da experiência profissional, que é particular e única. Nesse sentido, o certo é que haja uma apreensão geral dessa terminologia por parte dos diversos teóricos, na necessidade de relação de sentidos e significados na busca do conhecimento, pretendendo uma compreensão de saberes em conjunto (FORTES, 2012).

Para Fortes (2012), a interdisciplinaridade vem se constituindo como uma necessidade diante da realidade vivenciada, como uma possibilidade de resistir à fragmentação do conhecimento, do homem e da vida.

Tendo em vista os conceitos e sentidos da noção de interdisciplinaridade, é relevante salientar que a interdisciplinaridade deve apontar para a construção de um saber integrado, onde é preciso compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado, objetivando saberes em conjunto (FORTES, 2012).

Portanto, a interdisciplinaridade é a interação de uma ou mais disciplinas dentro de um mesmo contexto e essas disciplinas em contato umas com as outras se somam, visando um enriquecimento mútuo para posteriormente traçar ações que transforme a realidade de trabalho (SOUZA; SOUZA, 2017).

A interdisciplinaridade na saúde

Historicamente o campo da saúde pública foi marcado por um modelo positivista, onde a doença era vista como um desvio e ameaça a ordem estrutural e social e era tratada através de uma visão biocêntrica. Porém, a partir da década de 1970 o modelo funcionalista na saúde começa a sofrer intensas críticas, onde o adoecer passa a ser visto por meio dos condicionantes sociais, históricos, culturais e econômicos (GOMES; DESLANDES, 1994).

A partir da década de 1980, alguns movimentos sociais passaram a ampliar o conceito de saúde, demandando novas abordagens para a produção do conhecimento e intervenção prática. Portanto, foi neste período que a interdisciplinaridade passou a ganhar enfoque (GOMES; DESLANDES, 1994).

No que se refere a esse espaço, a interdisciplinaridade é vista como fundamento cognitivo da promoção a saúde e envolve práticas que possuem um objeto complexo (as necessidades sociais de saúde) e tem como instrumentos de trabalho os diferentes saberes e disciplinas que devem se integrar para a promoção da saúde. A interdisciplinaridade nessa área representa um progresso da quebra da visão biocêntrica, ou seja, modelo funcionalista da saúde que enxergava no usuário apenas a doença em si e excluía outros fatores determinantes como as dimensões culturais, sociais, ambientais e comportamentais (BASTOS, 2017).

Oliveira (2007) sinaliza que a interdisciplinaridade na saúde parte do pressuposto da atenção integral, onde a integralidade da atenção à saúde é um princípio que norteia a

formulação de políticas de saúde como também da formação profissional para o espaço da saúde.

Vendo por esse aspecto, a saúde como integralidade e integridade não possibilita a sua desintegração como saúde, mental, física e social, porém parte da ótica que presume entendê-la na ligação da vasta diversidade de disciplinas (MENDES; LEWGOY; SILVEIRA, 2008).

Segundo Souza e Souza (2017), no que tange o espaço do trabalho em saúde, a interdisciplinaridade pode ser entendida como uma forma de abordar situações ou problemas (Figura 1) através da integração e da articulação de diferentes saberes e práticas na busca de solucionar um entrave e dá respostas para as demandas que a população apresenta, assim intervindo sobre determinada realidade.

Figura 1- Representação esquemática do fazer interdisciplinar a partir do conceito de interdisciplinaridade



Fonte: Rios, Sousa e Caputo (2019).

Como afirmam Souza e Souza (2017, p. 118) ao que concerne à área da saúde a “[...] interdisciplinaridade permite uma ação comum, horizontalizando saberes e relações de poder, valorizando o conhecimento e as atribuições de cada categoria profissional”.

Desse modo, algumas instituições são compostas por equipes multidisciplinares, tais como Enfermeiros, Médicos, Assistentes Sociais, Psicólogos, Nutricionistas, Fisioterapeutas, entre outros profissionais que se articulam em conjunto para realização de um trabalho coletivo. Em relação a isto, Souza e Souza (2017) acrescentam a respeito da realização do trabalho interdisciplinar e enfatizam a importância de um fazer coletivo, onde apontam que:

A realização do trabalho interdisciplinar exige uma disponibilidade pessoal em se atuar neste enfoque, necessitando de tempo e disposição

para o diálogo, implicando numa consciência dos limites e competências de cada área, a fim de que haja uma convergência para um fazer coletivo. [...] A prática da interdisciplinaridade requisita intensa articulação entre os especialistas e interação real das disciplinas, através de relações de interdependência e de conexões recíprocas, de horizontalização de saberes, o que não deve ser confundido com simples trocas de informações (SOUZA; SOUZA, 2017, p.120).

A interdisciplinaridade no campo da saúde deve ser voltada para a realização de um trabalho pautado no cuidado integral e humanizado que garanta a qualidade no atendimento a população, pois é visto que o setor saúde é responsável por atender e responder as mais complexas necessidades de saúde dos indivíduos, sendo que esse cenário demanda cada vez mais profissionais dispostos a trabalhar de forma articulada e integrada, compartilhando seus diversos saberes na tentativa de mudar a realidade em que atuam (SOUZA; SOUZA, 2017).

Limites e fragilidades para o exercício da interdisciplinaridade no serviço de saúde

São vários os desafios enfrentados no campo da saúde e que rebatem de forma brusca sobre a prática interdisciplinar, tais fragilidades muitas vezes estão ligadas a falta de articulação entre as equipes, das relações sociais e interpessoais, da dinâmica e organização do espaço, ou até mesmo da falta de apreensão sobre o conceito de interdisciplinaridade e como ela acontece na prática. Essas problemáticas acabam repercutindo no agir dos profissionais, resultando em uma intervenção individual, onde é deixada de lado a integração entre as equipes (SOUZA; SOUZA, 2017).

É sabido que com as novas configurações no mundo do trabalho é crescente a deterioração das condições laborais em que se encontram muitos serviços de saúde. Nessas condições, o “trabalho profissional interdisciplinar encontra dificuldades e barreiras fortíssimas para sua implementação efetiva” (VASCONCELOS, 2002, p. 121).

Perante esse contexto, Vasconcelos (2002) assinala algumas mudanças que atingem as condições de trabalho profissional e que conseqüentemente rebate sobre o trabalho interdisciplinar. Dentre as principais mudanças que aponta o autor estão à intensidade do ritmo de trabalho, aumento da terceirização da força de trabalho com vínculos temporários e precários e por último a diminuição do espaço para uma reflexão crítica e gestão participativa.

Para corroborar com esse debate, nos estudos de Farias (2018) e Baquião et al. (2019) também é possível visualizar como fragilidade a ser superada a questão da sobrecarga de

trabalho de muitas equipes e a falta de tempo disponível para a integração entre os profissionais.

Nesse sentido, é preciso criar alternativas que melhorem as condições de trabalho dos profissionais inseridos nos serviços de saúde para que possa haver o maior desenvolvimento das práticas interdisciplinares. Conforme pontua Vasconcelos (2002), é necessário elaborar uma nova cultura profissional adequada ao contexto da saúde pública, onde os profissionais possam aderir às propostas de mudança para se engajarem em práticas interdisciplinares, mas para que isso ocorra é preciso existir reciprocidade em termos de salários dignos, boas condições de trabalho e investimento em treinamento e supervisão.

Outro obstáculo identificado na literatura diz respeito à dificuldade de compreensão que alguns profissionais de saúde têm ao conceituar a interdisciplinaridade. Tal achado vem ao encontro do que salienta Baquião et al. (2019) ao constatar que frequentemente esses profissionais associam a atuação multidisciplinar/multiprofissional da atuação interdisciplinar, ou então as julgam equivalentes. Segundo a autora, essa confusão conceitual é vista como um grande desafio a ser superado para que se possa trabalhar em equipes interdisciplinares.

Para reforçar a fala acima, Souza e Souza (2017) também aponta a falta de entendimento sobre o conceito interdisciplinar, pois se observou que profissionais da saúde ainda necessitam de uma aproximação teórica conceitual acerca da interdisciplinaridade e sobre como operacionalizá-la.

Haja vista compreender a interdisciplinaridade não é tarefa fácil, pois como já foi colocado anteriormente esse conceito não é único e varia de acordo com o contexto na qual ela é abordada. Sobre isso, Ivani Fazenda (1999) afirma que o termo interdisciplinaridade não possui um sentido único e estável, porém ela relata que seu princípio é sempre o mesmo: “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa” (FAZENDA, 1999, p. 31).

No estudo levantado por Novaes (2014) outro problema a se destacar está relacionado à falta de ações e atitudes a serem postas em prática na rotina da assistência a saúde, pois profissionais demonstram descontentamento no que se referem às relações de trabalho no momento da prática interdisciplinar. A mesma autora ainda menciona que o paradigma tradicional de assistência reducionista, biologicista, curativista e fragmentada ainda é muito vigente no ambiente de trabalho, na qual resulta em pouca comunicação e interação de saberes.

Todavia, percebe-se a necessidade de um novo método de trabalho, visto que existe a consciência da superação do cuidado fragmentado e dicotomizado. Para disponibilizar um

serviço de qualidade e integral aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), é fundamental haver interação efetiva entre a compreensão da interdisciplinaridade e a sua realização (NOVAES, 2014).

Baquião et al. (2019) ressalta uma fragilidade que chama atenção nos espaços de trabalho e que é considerado um fator dificultador da interdisciplinaridade. Esse problema está relacionado à dificuldade no diálogo com os profissionais de Medicina. Isso acontece porque o médico ainda é visto como o detentor de todos os saberes. De acordo com a autora, é preciso tomar medidas voltadas a horizontalização das relações entre os profissionais de saúde de distintas categorias profissionais e que busque prezar todos os saberes, entendendo como complementares, e não apenas como sobrepostos.

Sabe-se que em todos os níveis de atenção a saúde é primordial o trabalho interdisciplinar, visto que seja a partir de tal trabalho que se deseja alcançar uma aproximação integral sobre as causas que afetam a saúde da população. Desse modo, um dos principais fatores que acaba interferindo na prática da interdisciplinaridade no trabalho das equipes é a formação dos profissionais de saúde, que opta por conhecimentos técnicos e ignora conhecimentos populares da comunidade na qual a equipe é inserida, além disso, valoriza apenas o trabalho individual em relação ao coletivo, o que fragiliza a integração da equipe e dificulta a aplicação da prática necessária (SPÍNDOLA, 2014).

No trabalho de Farias (2018) é possível observar críticas ao modelo de formação acadêmica. Para a autora é necessário readequar o padrão formativo vigente nos cursos de graduação em saúde, já que durante esse processo, os discentes acabam não tendo conhecimento e nem vivenciando a interdisciplinaridade, sendo que esse fator acaba refletindo no agir profissional. Portanto, é imprescindível ir além do conhecimento técnico-científico e fortalecer as iniciativas de divulgação e valorização da educação interprofissional no contexto da graduação.

Na visão de Rios, Sousa e Caputo (2019) também é preciso repensar a formação e os currículos no espaço universitário, principalmente na área da saúde, pois com as novas e constantes demandas do SUS, necessitam de profissionais com trabalho interprofissional e que respeitem os seus princípios para que possam atuar com responsabilidade integral sobre a saúde da população.

Para que a prática integrada aconteça, torna-se essencial, além da formação acadêmica voltada para a interdisciplinaridade, a capacitação dos profissionais que trabalham nos serviços de saúde. É fundamental uma capacitação permanente, nesse sentido destaca-se a Educação Permanente em Saúde (EPS) voltada para a interprofissionalidade, importante

ferramenta para superar as dificuldades de concretização dessa intervenção. Mais uma possibilidade crucial é a aproximação com processos formativos pautados na lógica da interprofissionalidade, a exemplo dos Programas de Residência Multiprofissional em Saúde (PRMS). Por conseguinte, para romper com os obstáculos postos nos dias atuais, é essencial que o diálogo e a prática profissional apontem sempre para o trabalho interdisciplinar (FARIAS, 2018).

4 Considerações Finais

A área da saúde é um espaço complexo que está sempre atendendo diferentes demandas relacionadas às questões de saúde da população o que requer uma equipe de profissionais preparados e pautados em uma prática interdisciplinar para que haja um trabalho articulado, eficiente e eficaz que possa responder as demandas dos usuários que vão à procura dos serviços de saúde. No entanto, observaram-se nos estudos levantados que são muitas as dificuldades para se trabalhar numa perspectiva integradora de vários saberes, pois se fazem necessários os vários olhares dos profissionais, inclusive para atender ao que prever o Sistema Único de Saúde (SUS), ao indicar a integralidade como um dos pilares de suporte da atenção à saúde.

Para vencer as barreiras impostas à concretização da interdisciplinaridade é necessário, antes de tudo que os profissionais estejam dispostos a trabalhar nessa perspectiva, onde se apropriem do diálogo com sua equipe, compartilhem saberes e promovam integração e responsabilização, numa visão interdisciplinar. Além disso, é necessário readequar o sistema de formação acadêmica, e como método se configura a educação interprofissional. Outra solução possível como meio de suplantar a prática fragmentada é, a Educação Permanente em Saúde (EPS), importante mecanismo para construir possibilidades e superar os limites para a concretização da interdisciplinaridade.

Outro fator também entra em destaque e tem instigado na reorganização do trabalho em saúde é, a Política Nacional de Humanização (PNH) que se constitui como arcabouço para a qualificação e fortalecimento do trabalho em equipe. Ademais, a PNH propõe vivenciar o trabalho em saúde com valorização dos profissionais, com estímulo ao diálogo e com a participação ativa de todos os envolvidos nos processos de cuidado e de gestão, de modo a romper, pelo menos em parte, com a fragmentação, buscando-se a complementaridade através da práxis interdisciplinar.

Por fim, para tentar superar essas limitações é essencial que a interdisciplinaridade aconteça de maneira completa e que os profissionais possam enxergar na interdisciplinaridade uma atitude de mudança para as questões da saúde. É primordial que a interdisciplinaridade possa fazer sentido na prática diária, ou seja, cada profissional com seu saber particular componha diferentes expectativas na construção de um mesmo projeto comum, neste caso, a promoção à saúde.

5 Referências

AIUB, Mônica. Interdisciplinaridade: da origem à atualidade. **Mundo Saúde**, 30 (1), 107-116, jan. – mar. 2006. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=430110&indexSearch=ID>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

BASTOS, Gois I. Interdisciplinaridade na saúde: um instrumento para o sucesso. **Revista Brasileira de Ciências em Saúde**. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/rebracisa/article/view/1426>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BAQUIÃO, Ana Paula de Sousa. Percepções de residentes multiprofissionais de saúde sobre a interdisciplinaridade. **Revista Saúde e Pesquisa**, V. 12, n. 1 (2019). Maringá, 2019.

BISPO, Emanuella Pinheiro de Farias; TAVARES, Carlos Henrique Falcão et al. Interdisciplinaridade no ensino em saúde: o olhar do preceptor na Saúde da Família. **Interface (Botucatu) [online]**. vol.18, n.49, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832014000200337&script=sci_abstract&tlng=p>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BLAUTH, Wagner. Reflexões sobre a Interdisciplinaridade: Formação e Gestão em Processos Educativos. In: **Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/2219/2108>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ETGES, Norberto J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio (Orgs). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. Ipiranga, SP: Loyola, 1999.

_____. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** 2. Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia.** Ipiranga, SP: Loyola, 2002.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo, SP: Cortez, 2008.

FARIAS, Danyelle Nóbrega de et al. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade na estratégia saúde da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 1, p. 141-162, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462018000100141>. Acesso em: 27 de Ago. de 2020.

FOLLARI, Roberto A. Interdisciplinaridade e dialética: sobre um mal entendido. In: JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio (Orgs). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FORTES, Clarissa Corrêa. **Interdisciplinaridade: origem, conceito e valor.** Disponível em: <http://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20120517101727.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

GELBCKE, Francine L. et al. Desafios para a integração multiprofissional e interdisciplinar. In: **Revista eletrônica Tempus: Actos de Saúde Coletiva.** Universidade de Brasília, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** – 4. Ed. – São Paulo: Attos, 2002.

LEORATO, Samara; DALLACOSTA M. Fabiana. **Saúde Coletiva: um desafio interdisciplinar e intersetorial.** Santa Catarina, 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/unoesc-SAMARA-LEORATO.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MENDES, J. M. R.; LEWGOY, A. M. B.; SILVEIRA E. C. Saúde e interdisciplinaridade: mundo vasto mundo. **Revista Ciência & Saúde**, v. 1, n. 1, p. 24-32, jan./jun., Porto Alegre, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1999.

NOVAES, Livia Fernanda Guimarães. **A interdisciplinaridade no contexto de uma unidade de terapia intensiva neonatal**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Recife, 2014.

OLIVEIRA, Tânia Regina B. Interdisciplinaridade: um desafio para a atenção integral à saúde. In: **Revista Saúde.Com**. Disponível em: <http://www.uesb.br/revista/rsc/ojs/index.php/rsc/article/view/58/428>.>. Acesso em: 16 mar. 2020.

RIOS, David Ramos da Silva; SOUSA, Daniel Andrade Barreto; CAPUTO, Maria Constantina. Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica. **Interface (Botucatu) [online]**. 2019, vol.23, e180080. Epub Aug 05, 2019. ISSN 1807-5762. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/icse/v23/1807-5762-icse-23-e180080.pdf> >. Acesso em: 27 Ago. 2020.

SOUZA, Danyelle R. P; SOUZA, Mariza B. B. Interdisciplinaridade: identificando concepções e limites para a sua prática em um serviço de saúde. In: **Revista Eletrônica de Enfermagem** [Internet], 2017. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a15.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

SPÍNDOLA, Cláudia Fabiana Lucena. **Concepções de interdisciplinaridade entre docentes de cursos de graduação em Enfermagem**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Recife, 2014.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.